

## “EU POSSO VIVER”: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PROBLEMATIZAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>1</sup>

Amanda Dória de Assis

Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

### RESUMO

*O trabalho constitui-se como um relato de experiência. Visa apresentar uma proposta de trabalho que problematiza gênero nas aulas de educação física, realizado com turmas do terceiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Porto Alegre. A partir dessa experiência, muitas situações de violência de gênero emergiram na fala e nas ações das crianças, o que culminou em um trabalho sobre empoderamento.*

*PALAVRAS-CHAVE: estudos de gênero; educação física; escola.*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Eu posso viver”, enunciado que intitula esse texto, apresenta uma frase produzida por duas alunas do terceiro ano do ensino fundamental, em consequência de um trabalho realizado na unidade didática de dança. O desenvolvimento dessas aulas trouxe à tona discussões sobre violências de gênero e tornou-se um trabalho sobre empoderamento das meninas.

Ao falar sobre empoderamento, estamos falando em autoafirmação, valorização, autorreconhecimento, de si e de sua história, como nos diz Joice Berth (2018). Conforme a autora, é importante destacar que esse “auto”, de autoafirmação, por exemplo, indica que os processos de empoderamento é um movimento interno de tomada de consciência ou de despertar de diversas potencialidades que colaboram para o enfrentamento de dominação machista, racista (BERTH, 2018, p.17). Cabe ainda ressaltar que empoderamento não é apenas um conceito, mas é visto com necessária ação social que tem na sua história o ativismo das feministas negras e do feminismo interseccional.

Como ferramenta analítica, a Interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, etnia, faixa etária. Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) destacam que a centralidade das análises interseccionais é a analítica das

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

relações de poder, “ a Interseccionalidade se esforça para olhar o poder sob vários ângulos”, investigando como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais cotidianas.

Cotidianamente, a condição de docente me provoca a olhar para essas diferentes relações sociais, problematizando desigualdades e violências diversas. Trabalho em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. A instituição se localiza na zona periférica, nas margens da cidade não somente geograficamente, mas às margens dos serviços assistenciais básicos. Emerge daí a necessidade constante de problematizar marcadores diversos da diferença, em especial, tenho trabalhado os problemas de gênero.

Ademais, a educação física historicamente está implicada na produção de sujeitos em conformidade com as normativas binárias de gênero e heteronormativas (DORNELLES, 2013), reiterando certos modos de ser e viver a feminilidade e a masculinidade – limitando modos de experienciar a vida. Todavia, também é possível vislumbrar que a educação física, ao tratar a cultura corporal (BRASIL, 2017) na escola, pode possibilitar novas leituras às práticas corporais, vislumbrando novas apropriações e significados à cultura corporal.

## METODOLOGIA

O trabalho se constitui um relato de experiência que discuti gênero. O referido trabalho foi realizado em uma escola da Escola Municipal de Porto Alegre em 2019, com uma turma do terceiro ano do ensino fundamental.

As aulas de educação física são inspiadas na perspectiva cultural, vislumbrando aulas que possibilite análise, ressignificação e ampliação dos saberes relativos à Cultura Corporal (NEIRA, NUNES, 2009, p. 7). Nessa direção, realizei na unidade temática de dança diferentes estratégias visando possibilitar análises, discussões e outras imagens às práticas corporais de dança.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: CENAS DAS AULAS DE DANÇA

Ao trabalhar a unidade didática de dança, planejei as seguintes atividades: jogo de dança *just dance*; análise de danças de diferentes gêneros musicais; elaboração coreográfica.

Iniciei com jogo *just dance* por perceber na minha experiência anterior com esse conteúdo, que mesmo as crianças, já apresentam resistência em se disponibilizarem a dançar.

O jogo tem me ajudado a iniciar as danças de modo mais lúdico. Além disso, nesses jogos há imagens de homens como dançarinos, e sujeitos bem plurais.

Nessa primeira atividade, mesmo sendo mais lúdica, apareceram várias questões: quando um menino ficou rebolando mais, os guris já gritam que era uma mulherzinha. São os insultos, as supostas brincadeiras colocando em marcha a vigilância da heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2000). Outra questão que me chamou atenção é que muitas meninas também ficaram sendo reprimidas quando rebolaram demais, um dos meninos me explicou, dizendo que parecia uma piranha dançando, e que a outra professora não as deixava dançarem funk. Interessante nisso foi ver que desde pequenas as meninas são sexualizadas, ao invés de reprimir os meninos, caso algum deles faça algo, são as meninas que já devem se controlar desde pequenas para não parecer uma piranha. No futuro, homens serão isentos de sus ações, mulheres culpabilizadas por ser abusadas.

Por conta disso, entre os clipes que planejei assistir com a turma, estavam alguns que falavam sobre violências de gênero, empoderamento. O primeiro que assistimos foi o clipe Indestrutível, de Pablo Vittar. Trata-se de um vídeo que narra a história de um menino que sofre violências na escola, na medida em que começa a se reconhecer como trans. O clipe também traz informações sobre os dados das violências contra LGBTQI+ na nas escolas. Ao assistir o clipe, muitos alunos ficaram revoltados com as violências sofridas por Pablo. Entretanto, alguns desses alunos também costumam ser homofóbicos. Então refletimos sobre essas violências. Outra questão relevante que emergiu é que as crianças conseguiram visualizar, a partir da narrativa do clipe, o desejo de Pablo, que se interessava pelas roupas e maquiagens da mãe e tencionar a relação entre sexo e gênero, inclusive as fronteiras binárias de gênero.

Diante disso, perguntei para elas e para eles quais brinquedos tinham em casa, nas suas roupas. Levantei alguns questionamentos até questionar se as crianças já nascem com isso. Rapidamente responderam que não! Foi assim que tentei explicar que não é natural que isso ou aquilo seja de menino, mas sim que é uma construção.

Retomando a narrativa de experiência, destaco que outro vídeo que assistimos foi o clipe da música Dona de Mim, da cantora Iza, para tratar de empoderamento feminino, em especial, das mulheres negras, conforme as histórias de vida que aparecem no referido clipe. Depois de ver o vídeo clipe, conversamos sobre a necessidade de tratar desse assunto.

Comentei sobre as violências e preconceitos sofridas pelas mulheres, principalmente mulheres negras. A partir de um exemplo que eu dei, as crianças começaram a comentar situações que vivem em suas casas. Muitas meninas relataram que precisam limpar a casa, enquanto os irmãos não.

Além desses relatos sobre trabalho doméstico, escutei inúmeras histórias que chegam embrulhar o estômago, relatos de abusos. Entre eles, uma aluna relato abuso e sexual, logo em seguida outra menina relatou situação similar, narrando que mudou de residência por conta das tentativas de abuso que sofreu. Os relatos partiram de duas meninas negras. Fica evidente para mim o quanto é necessário refletirmos sobre o feminismo negro e interseccional. Aprendemos com muitas dessas autoras, como Lélia Gonzalez (1982), que as mulheres negras, além das opressões comuns sofridas como as mulheres brancas, também carregam o estigmas de ter seu corpo objetificado, sendo elas as mulheres que mais sofrem com a cultura do estupro no Brasil.

Nessa direção, trabalhar o empoderamento dessas meninas é fundamental. É um primeiro passo, se é que é possível classificar, é fazê-las perceber algumas violências e desigualdades. Desnaturalizar o que parece natural. Muitas vezes, diz Berth (2017), se está tão imersa a violências que não é possível perceber isso, tampouco saber que essas questões não são naturais. Assim, mesmo trabalhando com crianças, não me parece possível mascarar tudo que passam. É grande na escola a infantilização das turmas dos anos iniciais, mas boa parte dessas crianças já estão sofrendo muitas violências, que nenhum desenho da Disney apaga isso. É preciso agir com responsabilidade, ciente das consequências.

Diante de tudo isso que estava emergindo nas aulas, ampliei os debates sobre gênero. Em uma dessas conversas, muitas meninas relataram que não conseguem jogar bola no recreio, então elas começaram a pensar em coisas que elas achavam que não deviam fazer, mas que querem fazer, então uma aluna disse: “mas eu posso jogar bola no recreio!”, isso suscitou outras manifestações, como “eu posso brincar de vídeo game!”. A partir disso, surgiu também o interesse de algumas alunas em produzir cartazes<sup>2</sup> com frases, para apresentarem durante a dança da música Dona de mim. Elas queriam manifestar aquilo que elas achavam que podiam fazer, que elas consideravam que todas as mulheres também podiam fazer.

---

<sup>2</sup> Os cartazes foram elaborados em parceria com a professora referência de uma das turmas do terceiro ano.

Foi assim, que esse trabalho das aulas de dança culminou em uma apresentação de danças que fizemos em uma tarde durante o intervalo das aulas. Entre as músicas que apresentamos estava a música Dona de Mim, onde as meninas foram protagonistas, apresentando ao fim da música seus cartazes, expressando o que desejavam, entre as frases que elas escreveram e expuseram, estavam: *'eu posso viver'*, *'faça a diferença garotas!'*. em especial, destaco o cartaz que diz: "Eu posso viver!", escrito por duas alunas, entre elas, uma das alunas relatou ter sofrido abuso sexual.

### CONSIDERAÇÕES EMERGENTES: QUEM PODE VIVER?

Quando alunas, ainda na infância, precisam dizer que podem viver, enunciam também que há algo no social que as ameaçam, as afetam. Trata-se de uma menina, negra, moradora de um bairro localizado na periferia de Porto Alegre. Sabemos que diferentes marcadores de diferença, como gênero, raça, religião, idade – produzem experiências diversas, inclusive de quem pode ou não viver, o modo como essas pessoas podem e devem viver. Reconhecendo que na sociedade patriarcal branca, os delimitamentos de gênero tornam vidas mais precárias que outras, cabe na escola tratar dessas questões.

A experiência como professora de educação física tem sido um espaço de muitas angústias, sobretudo nesse período neoconservador que vivemos. No entanto também é lá na escola o lugar onde escuto, vejo, converso com as crianças e vislumbro desconstruções. Na escola elas também podem ter acesso a outras narrativas sobre ser e estar no mundo. Para além disso, ter suporte e acolhimento para viver suas diferenças, as quais devem ser enaltecidas e celebradas, e não tratadas como "o diferente – fora da norma". Que nossas meninas possam perceber que elas podem dançar como quiser, sem serem objetificadas e sexualizadas desde pequenas. Que mulherzinha, viado, não sejam mais deboches, mas sim afirmações. Que as crianças se empoderem, se autoafirmem, como são e desejam ser em suas mais diversas formas de se enunciar no social. Que todas, todes e todos, enfim, possam viver!



CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

## “I CAN LIVE!”: A PROPOSAL TO DECONSTRUCT GENDER IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

### ABSTRACT

*The present work constitutes an experience report that I discussed gender. The referred work was carried out in a school of Porto Alegre Municipal School in 2019, with classes third grade of elementary school.*

*KEYWORDS: gender; school physical education; school.*

## “¡PUEDO VIVIR!”: UNA PROPUESTA PARA DECONSTRUIR EL GÉNERO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

### RESUMEN

*El presente trabajo constituye un relato de experiencia que discutí sobre género. El referido trabajo se realizó en la escuela de Porto Alegre en 2019, con clases de tercer grado de primaria.*

*PALABRAS CLAVES: género; educación física; escuela;*

### REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2019

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, p. 110-127, 2000.

DORNELLES, Priscila Gomes. **A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da Educação Física escolar.** 2013. 193 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre.





CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. .ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). **O lugar da mulher**, estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-106.

NEIRA, Marcos .G., NUNES, Mário L.F (Orgs.). **Praticando estudos culturais na educação física**. São Caetano do Sul: Yends, 2009.

